



RESENHA

A GÊNESE DOS PROCESSOS CONSTITUTIVOS DA IDENTIDADE LATINO- AMERICANA

contato
Rua João de Souza Vilaça, nº 540
16200-397 – Birigui – SP – Brasil
fernandobraudel@hotmail.com

 Fernando de Oliveira dos Santos¹
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
Assis – São Paulo – Brasil

Resenha do Livro: ALTAMIRANO, Carlos. *A invenção de nossa América: Obsessões, Narrativas e Debates sobre a Identidade da América Latina*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2023, p. 224.

A presente obra resenhada foi publicada originalmente na Argentina em 2021 pela editora *Siglo XXI Editores*. Como o próprio autor afirma na seção “Algumas palavras sobre o livro” a obra é o resultado de um conjunto de pesquisas intermitentes realizadas e divulgadas em diversos ambientes acadêmicos, desde pelos menos 2013. Carlos Altamirano é professor emérito da Universidade Nacional de Quilmes na Argentina. Graduou-se em Letras no ano de 1967 pela Universidade Nacional de Nordeste, província de Corrientes. No final da década de 1960 foi morar na capital do país. Assim como muitos intelectuais de esquerda, Altamirano esteve sob a espreita e censura da ditadura militar, que foi instaurada na Argentina em 1976. Não obstante, obteve grande notoriedade trabalhando em editoras e revistas. No final dos anos 1970 foi um dos protagonistas do projeto coletivo que lançou a revista de crítica

¹ Graduado em História pela Faculdade de Birigui-SP (2011). Especialista em História e Cultura pela Unilado de Araçatuba-SP (2013). Mestre em História pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP, 2020). Tem experiência na área de História do Brasil República, com ênfase em História do pós-abolição em São Paulo. Professor da Escola Estadual Prof. Ricardo Peruzzo - Birigui-SP. Autor do livro *Aspectos da luta pela cidadania negra na cidade de São Paulo (1891-1930)*. São Paulo: Editora Dialética, 2022.

cultural *Punto de Vista* (do qual participou por 26 anos). Na atualidade é membro do Centro de Estudos e Investigações de História Intelectual da Universidade Nacional de Quilmes, onde participa do conselho diretivo da revista *Prismas*, juntamente com seus colegas Ricardo Piglia e Beatriz Sarlo. Por conta de sua atuação destacada nessas instituições, Carlos Altamirano é considerado um dos principais intelectuais argentinos da época hodierna (TRESOLDI & PANIZ, 2017).

No primeiro capítulo “Um longo desvelo” Carlos Altamirano destaca o caráter perene da busca pela identidade latino-americana. Tal preocupação começou a se esboçar desde meados do século XVIII na linguagem das elites *criollas* ilustradas, que já empregavam o termo “nossa América”. Desde então e, especialmente após os processos de emancipação das regiões colonizadas pela Espanha, gradativamente esse tema foi se tornando cada vez mais presente no imaginário sócio-político, a despeito das especificidades conjunturais e dos expedientes manejados nessa ideação. Conforme o autor “Como uma matéria resiliente capaz de sobrepor-se a todos os contrastes da experiência, a questão da identidade sempre volta. Perde alguns de seus ingredientes e simbolizadores, mas adquire outros (...) se refaz” (ALTAMIRANO, 2023, p.15).

Outro tópico abordado nesse mesmo capítulo foi a indicação dos grupos que teriam interesse na construção da identidade da América Latina. Segundo o pensador argentino foram os segmentos letrados das elites que, predominantemente, assumiram a vanguarda no processo de criação desse imaginário. Não obstante, esses intelectuais letrados eram provenientes de diversos círculos e instituições. Conforme Altamirano

“Nem todos, é verdade, foram o que habitualmente chamamos de escritores, dado que a tarefa de forjar imagens da América Latina como entidade histórica e cultural se entregaram também pintores, historiadores, antropólogos, gente de cinema, sociólogos (...)” (ALTAMIRANO, 2023, p.22).

Ainda no primeiro capítulo, Altamirano discorre sobre o papel do Brasil no tocante a elaboração dessa identidade subcontinental. As elites culturais brasileiras, em diferentes contextos, também se empenharam na edificação de uma identidade, porém, de caráter estritamente nacional. Esses grupos de intelectuais nem sempre consideraram o Brasil como parte integrante da América Latina e, inversamente, as elites vizinhas também não o via, como membro da mesma unidade histórico-cultural. O fulcro dessa incompatibilidade interpretativa encontra-se nas especificidades do processo emancipatório. Isso porque, conforme o autor:

“A evolução histórica posterior às independências das duas partes da América do Sul prosseguiu a marcha que as diferenciava – e até mesmo as punha em confronto pelo domínio de determinadas áreas, como ocorreu no século XIX na região do Prata” (ALTAMIRANO, 2023, p.28).

No segundo capítulo (o mais extenso dos 7 que compõem o livro) “Que América Somos? Debates e peripécias de uma denominação” o autor começa com uma digressão até os primórdios do período colonial, para destacar o caráter processual e impositivo da construção de uma nomenclatura do chamado “Novo Mundo”. Altamirano enfatiza que, à diversidade de povos aborígenes existentes no continente antes da chegada dos colonizadores, correspondia uma miríade de denominações criadas pelos próprios grupos autóctones, esparramados por várias regiões do imenso território. Ao longo do processo colonizador, protagonizado num primeiro momento por espanhóis e portugueses, as nomenclaturas antigas foram sendo substituídas coercitivamente pelas denominações dos colonizadores, que organizaram o território numa nova configuração, em conformidade com seus interesses (ALTAMIRANO, 2023, p.34-35).

Não obstante, o contexto de luta pela emancipação assinalaria uma inflexão nesse processo de definição, tanto da identidade “nacional” quanto para designar o conjunto das novas unidades políticas que emergiram dos antigos domínios coloniais. Tal preocupação relaciona-se aos interesses de uma pequena elite, descendente dos setores *criollos* da sociedade hispano-americana. Conforme Altamirano “O vasto elenco de povos e agitadas repúblicas que brotou da independência seria objeto de diferentes designações: simplesmente América, depois América espanhola, América do Sul (...) América Latina, Hispano-américa, Indo-américa” (ALTAMIRANO, 2023, p. 35). Contudo, até meados do século XX, nenhum desses nomes foi reconhecido oficialmente na nomenclatura internacional.

Segundo o pensador argentino, desde o final da 2ª Guerra Mundial o termo América Latina passou a predominar sobre outras designações que surgiram ao longo das décadas. Esquadrinhando as obras de vários pensadores, como o filósofo uruaio Arturo Ardão (1912-2003), Altamirano postula que até meados do século XIX, a construção da identidade coletiva das novas repúblicas da América foi determinada por uma oposição comum às antigas metrópoles europeias, buscando-se uma unidade supranacional contra eventuais tentativas de recolonização. Todavia, a partir de 1850 outra frente de articulação anti-imperialista começaria, simultaneamente, a se delinear. Dessa vez, o gradual expansionismo militar, econômico e cultural dos Estados Unidos justificaria a solidariedade ideológica dos países latino-americanos. O imperialismo estadunidense tornar-se-ia mais ameaçador do que o europeu (ALTAMIRANO, 2023, pp. 38-39).

Mais adiante, o pesquisador argentino esmiuça outras designações acerca da identidade no subcontinente, que surgiram ao longo do século XX. Para contrapor

denominações engendradas por setores das elites intelectuais e políticas, como Hispano-américa ou América Latina, pensadores de esquerda apresentaram outras formulações, ancoradas em outros pressupostos. Segundo o autor, José Carlos Mariátegui e Víctor Haia de La Torre, dois intelectuais peruanos, valorizaram a primazia dos povos autóctones, a despeito de reconhecerem que a composição social do continente foi influenciada por outros grupos étnicos. Assim, para Mariátegui o nome mais adequado seria “América indo-espanhola” e para Haya de La Torre a expressão fundamental seria “Indo América” (ALTAMIRANO, 2023, pp. 77 e 78).

Para encerrar esse denso e instigante segundo capítulo, Altamirano analisa a interface entre o processo de construção da identidade latino-americana e a criação de duas importantes instituições, uma no âmbito internacional e a outra no plano continental. O intelectual argentino traz a lume a conjuntura na qual foram criadas a ONU (Organização das Nações Unidas) em 1945 e a CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe) em 1948. Altamirano recupera as tensões, disputas e os interesses em voga no contexto da criação da Cepal, enfatizando a posição dos países da região sul e central da América, no que concerne ao desenvolvimento econômico no pós-Guerra. Ilustra a participação decisiva do chileno Hernán Santa Cruz – delegado no Conselho Econômico e Social das Nações Unidas – na institucionalização da comissão. E ainda salienta que “Advogado e diplomata, desempenharia também um papel relevante na redação da Declaração Universal dos Direitos Humanos, que as Nações Unidas emitirão em 1948” (ALTAMIRANO, 2023, p.84).

No terceiro capítulo, Carlos Altamirano faz uma cuidadosa análise das fontes documentais do período Moderno, especialmente do contexto no qual irromperam as lutas emancipatórias contra o domínio colonial. Nessa esmerada incursão, entre outros enfoques, o autor busca responder questões como: os *criollos* da independência se identificavam como *criollos*? E ainda: a categoria de *criollo* pertencia ao discurso historiográfico, mas ao mesmo tempo constituía uma categoria identitária? (ALTAMIRANO, 2023, p.89). Para tanto, Altamirano se dispõe a realizar um balanço historiográfico, destacando as novas tendências, abordagens e conceitos abrangendo as pesquisas acerca dos movimentos independentistas na América espanhola. À luz da nova historiografia, o teórico argentino dissecou uma variedade de discursos de agentes, grupos e instituições. Com isso consegue reavaliar o papel hegemônico dos *criollos* nesse processo, ao mesmo tempo revelando a historicidade da identidade *criolla*, as nuances e dissensões internas ao grupo, num cenário bem mais complexo. Em síntese “Além da distinção e da rivalidade entre *criollos* e peninsulares, as pesquisas poriam em evidência outras clivagens sociais e étnicas, anteriores e posteriores à ruptura com a Espanha e à constituição das novas repúblicas” (ALTAMIRANO, 2023, p. 97).

O quarto capítulo “Representações da Consciência Criolla” pode ser considerado uma continuidade do terceiro, visto que o autor aprofunda a análise acerca da relação entre os *criollos* e a identidade hispano-americana. Altamirano inicia essa seção evidenciando o crescimento das pesquisas sobre a *consciência criolla*, tanto por meio de obras de historiadores latino-americanistas quanto de pesquisadores de outros continentes. Em seguida passa a esmiuçar uma das obras que mencionou em seu breve panorama – *Orbe Indiano: De la Monarquía Católica a la República Criolla, 1492-1867* – do historiador inglês David Brading. Para Altamirano, o livro de Brading, publicado em 1991, destacou-se por ser o resultado de uma investigação portentosa, tendo em vista a abrangência temporal e espacial da pesquisa, mas também por sua grande erudição e perspicácia no trato das fontes primárias, especialmente as crônicas e memórias do período colonial (ALTAMIRANO, 2023, p.118).

O estudo de Brading busca revelar os sinais de emergência de uma *consciência criolla* – que foi paulatinamente sendo gestada ao longo do período colonial – e posteriormente, a partir do contexto das lutas pela independência, forneceu os referenciais simbólicos para as elites forjarem as identidades nacionais e subcontinental. Conforme Altamirano, o mérito de Brading foi evidenciar os componentes heterogêneos que foram amalgamados e articulados, em diferentes conjunturas para formatar essa *consciência criolla* ou *patriotismo criollo*. Um desses elementos tem natureza política, refere-se às disputas entre *criollos* e *peninsulares* pelos altos cargos e posições na administração espanhola. Essas tensões e a tomada de consciência dos *criollos* na defesa de seus interesses foram registradas em documentos, na forma de petições, memórias entre outras fontes, expressando os embriões de uma identidade (ALTAMIRANO, 2023, p. 119).

Altamirano prossegue examinando as proposições da obra de Brading, para assinalar que a *consciência criolla* também continha, em suas origens, um substrato cultural, qual seja, os mitos e lendas sobre um passado idealizado. Havia na América espanhola, uma crença amplamente compartilhada de que o apóstolo São Tomás teria evangelizado povos indígenas do continente, antes da chegada dos colonizadores europeus na Época Moderna. Esse mito, legitimado por setores do clero católico, associava a imagem de São Tomás à figura de uma importante divindade mesoamericana: *Quetzalcóalt*. Segundo Altamirano, essa lenda foi apropriada e ressignificada pela elite *criolla* por conta de sua função ideológica, já que, no caso dos mexicanos, valorizava a ancestralidade asteca, mas também por interpelar o suposto direito fundamental da monarquia espanhola de cristianizar os indígenas do Novo Mundo (ALTAMIRANO, 2023, p. 120).

Mais à frente o pesquisador Argentino tece algumas análises baseadas no pensamento do historiador venezuelano German Carrera Damas. Uma das premissas refere-se ao caráter ambíguo do *patriotismo criollo*, tal como foi instrumen-

talizado pelas elites culturais e políticas, especialmente a partir dos movimentos libertários. De acordo com Altamirano, as elites *criollas* promoveram um trabalho ideológico eficaz nesse contexto, em que se tornava premente forjar as identidades nacionais das repúblicas numa configuração social multiétnica. Desse modo, nos discursos dos *criollos* sobre o passado colonial, ocultava-se o fato de que esse grupo desempenhou um papel opressor em relação aos segmentos subalternos. Contudo, ao mesmo tempo, essa elite representava a si própria como oprimida pela Coroa espanhola na conjuntura revolucionária. Paradoxalmente, a despeito de construírem sua identidade evocando os direitos ancestrais dos povos originários “(...) no momento de estabelecer as novas repúblicas hispano-americanas, que serão repúblicas *criollas*, as comunidades indígenas aparecerão como um problema” (ALTAMIRANO, 2023, p.123).

No quinto capítulo “Universalidade europeia e particularidade americana” o erudito argentino examina outra conjuntura – no chamado período Entre Guerras – para mapear outras manifestações acerca da identidade latino-americana. Com enorme maestria, Altamirano elabora um quadro analítico sobre as representações contidas nos discursos de membros da elite cultural hispano-americana, principalmente os escritos de três intelectuais: Alfonso Reyes, poeta e ensaísta mexicano; Pedro Henríquez Ureña, filósofo e crítico literário dominicano; Francisco Romero, escritor, professor universitário e filósofo argentino. Os discursos mais expressivos foram produzidos na ocasião de duas importantes conferências realizadas em Buenos Aires no mês de setembro de 1936. A primeira foi o XIV Congresso Internacional dos PEN (poetas, ensaístas e novelistas) e a segunda foi a VII Conversação da Organização de Cooperação Intelectual da Sociedade das Nações (ALTAMIRANO, 2023, pp. 136-137).

No congresso literário abordou-se diversas temáticas, como o papel dos escritores na sociedade contemporânea, a questão dos direitos autorais, o projeto de criação de revistas especializadas etc. Todavia, conforme Altamirano, a atmosfera de crise político-econômica, a ascensão dos regimes fascistas na Europa, a Guerra Civil na Espanha e os presságios de uma nova guerra mundial, todos esses motes tornaram-se a preocupação crucial em ambos os fóruns (ALTAMIRANO, 2023, p.135)

É nessa ambiência de debates e intercâmbio de ideias, que os intelectuais latino-americanos vão procurar demarcar a posição da “inteligência americana” (a expressão é de Alfonso Reys), apresentando os traços peculiares de sua identidade diante da hegemonia cultural europeia. O sentimento compartilhado por muitos desses artistas, poetas e intelectuais era de que a América Latina havia alcançado sua “maioridade”, a despeito de se reconhecerem como herdeiros do legado cultural e científico da civilização ocidental. Contudo, tendo como horizonte a crise civilizatória europeia, buscava-se autonomia para pautar os debates e reflexões frente aos

interlocutores do Velho Mundo. Segundo Altamirano “Diante deles, como diante dos membros de um tribunal, os latino-americanos alegariam razões e provas de que a América Latina já não era uma sucursal da Europa, e sim tinha uma palavra própria ou se encontrava em vias de alcançá-la (ALTAMIRANO, 2023, p. 139).

No sexto capítulo “A originalidade como tarefa” o escopo da análise são as origens de uma expressão literária latino-americana. Investigando uma ampla variedade de textos e obras – dos primórdios da colonização à época contemporânea – Altamirano procura identificar os traços genuínos e os contextos que caracterizariam a gênese de uma literatura hispano-americana. Ou seja, escritos que apresentassem ideias e feições peculiares, denotando uma identidade coletiva, diferenciando-se peremptoriamente da literatura produzida na metrópole espanhola. (ALTAMIRANO, 2023, p. 167).

Nessa perspectiva, podem-se citar dois contextos distintos no capítulo, em que a leitura refinada das fontes pelo pensador argentino, são destacadas. No primeiro, a genealogia da literatura latino-americana é examinada a partir das lentes de Pedro Henríquez Ureña. Conforme Altamirano, para o filósofo dominicano, a gênese da literatura latino-americana deveria ser rastreada desde a fase inicial do processo colonizador, visto que nesse contexto, já se esboça alguns de seus contornos peculiares. A sociedade colonial, configurada a partir da conquista espanhola e portuguesa, tornar-se-ia uma síntese de culturas diferentes e, portanto, uma sociedade original. Desse modo, a visão dos conquistadores sobre o “Novo Mundo”, expressa em seus escritos, era direta e mediada por suas experiências nesse novo lugar. “Ou seja, acrescentamos nós, entretecida por mitos e lendas, com as noções de um saber no qual se imbricavam a autoridade dos antigos e a autoridade da Bíblia, do humanismo renascentista e da tradição cristã” (ALTAMIRANO, 2023, p. 170).

Em um segundo momento, o autor esquadrinha os discursos e narrativas que emergiram após o período de lutas pela independência. É nessa conjuntura histórica – marcada pela ascensão do romantismo e do ideário nacionalista na Europa – que a preocupação pelas origens de uma identidade literária nacional e subcontinental irá se estabelecer efetivamente. Para corroborar essa tendência mais geral, Altamirano analisa os textos de um grupo ilustre de escritores argentinos, que ficaram conhecidos como jovens da “geração de 1837” (2023, p.174). Formado por figuras proeminentes como Esteban Echeverría, Juan Maria Gutiérrez, Juan Batista Alberdi, Domingo Faustino Sarmiento – os membros desse grupo são considerados os fundadores do campo literário argentino.

De acordo com Altamirano a principal aspiração dessa geração foi a “regeneração” do país, num contexto marcado por disputas políticas internas e movimentos separatistas. Para tanto seria preciso elaborar um programa literário que contemplasse, tanto obras de imaginação (principalmente tendo a natureza como tema)

quanto obras de pensamento. Para além disso, conforme o autor “Na visão da geração romântica argentina, a causa do país e a causa da América se entrelaçavam e não era infrequente que nos argumentos se passasse de um âmbito de referência a outro” (ALTAMIRANO, 2023, p.178).

Na última seção do livro “Apêndice: Anotações sobre uma literatura” Altamirano brinda o leitor com um valioso ensaio, no qual o conceito de *identidade* é examinado a partir de múltiplas perspectivas teóricas. Mais uma vez nota-se a vasta erudição do autor, considerando o amplo repertório de fontes bibliográficas manejadas para tratar seus objetos. Inicia sua incursão apresentando um interessante panorama dos usos que a palavra identidade possui no cotidiano da sociedade contemporânea e, em seguida, discorre sobre a etimologia do termo, evidenciando sua origem latina. (ALTAMIRANO, 2023, p.190).

Mais adiante, Altamirano revela que o conceito de *identidade*, somente é incorporado no campo intelectual, na segunda metade do século XX. Desde então, torna-se também uma ferramenta teórica do léxico das ciências sociais, utilizado para pesquisar diversos fenômenos da vida individual e coletiva. Porém, em qual país esse termo começou a ser aplicado de modo pioneiro, no âmbito das pesquisas acadêmicas? “A carreira do conceito de identidade no pensamento social e político contemporâneo começou nos Estados Unidos” (ALTAMIRANO, 2023, p.191). Partindo dessa assertiva, Altamirano caracteriza duas correntes teóricas distintas pelas quais o conceito obteve aplicabilidade destacada nesse país. A primeira teve como seu principal referencial, a obra do psicanalista e antropólogo alemão Erik H. Erikson. Já a segunda matriz foi denominada de “Interacionismo simbólico” tendo como expoentes o sociólogo Charles H. Cooley e o filósofo George H. Mead, ambos estadunidenses (2023, p.193).

Na sequência, o pensador argentino busca apreender, como as concepções teóricas, especialmente as estadunidenses, foram recebidas no cenário acadêmico europeu, a partir das últimas décadas do século XX. Segundo Altamirano “No pensamento social europeu, a noção de identidade encontrará acolhidas diversas: rejeições, absorções, críticas e reformulações conceituais” (2023, pp.194-195). Todavia, gradativamente o potencial heurístico da categoria *identidade* foi sendo cada vez mais aproveitado nos ambientes intelectuais, para tangenciar questões candentes da época contemporânea, tais como: globalização, mundialização da cultura, imigrações, as mudanças geopolíticas desencadeadas com o fim da União Soviética etc. (2023, p.195).

O que mais se sobressai nesse fecundo ensaio são os autores elencados por Altamirano para sinalizar a progressiva cristalização do conceito de *identidade* no campo acadêmico europeu. Com sofisticada capacidade de síntese, o erudito argentino evidencia de que forma vários cientistas sociais e historiadores consagrados, aborda-

ram e exploraram – por diferentes prismas – as concepções relacionadas à identidade. Nesse itinerário, para mencionar apenas alguns nomes, são citados teóricos como: Eric Hobsbawn, Claude Levi Strauss, Pierre Bourdieu, Fernand Braudel, Paul Ricoeur, Benedict Anderson, Peter Burke, Zygmunt Bauman, Reinhart Koselleck (2023, p.201).

No último tópico do livro “Anotação final” o autor ressalta que as identidades não são expressões de uma essência ou substância inata. São engendradas historicamente mediante múltiplas interações sociais e culturais. Nessa perspectiva Altamirano conclui:

“Os discursos identitários constituem um modo de construir significados que influenciam e organizam tanto nossas ações como nossa concepção de nós mesmos. Unem-nos numa comunidade imaginária e nos separam de outros por obra de um trabalho contínuo de diferenciação simbólica: nós e eles. (ALTAMIRANO, 2023, pp. 204-205).

À guisa de conclusão destacamos alguns pontos para apreciação geral da obra resenhada. Como sublinhamos no início, o livro é o resultado de um conjunto de ensaios escritos de modo intermitente desde pelos menos 2013. Por conta disso não há uma articulação coesa entre os capítulos, do ponto vista sequencial. Contudo, do ponto vista da estruturação temática, a obra é bastante coerente, apresentando um fio condutor analítico muito bem delineado pelo autor. Nesse sentido percebe-se que a *identidade latino-americana* é o objeto central da obra, perpassando todos os capítulos.

Vale destacar o amplo repertório de fontes documentais e bibliográficas, tratadas com enorme erudição e rigor historiográfico. Altamirano, mediante uma escrita, ao mesmo tempo, elegante e didática, soube explorar as várias dimensões do seu objeto, gerando fascínio e interesse pelo tema. Contudo, não incorre em análises simplificadoras e reducionistas, sempre enfatizando a complexidade do empreendimento e guardando o devido distanciamento em suas interpretações mais agudas.

Por fim, é preciso salientar a capacidade de a obra dialogar com os temas candentes do tempo presente. A identidade latino-americana, como o autor deixou entrever, é uma temática que ainda desperta inúmeros debates e paixões, seja no campo acadêmico, político, educacional entre outros. Por tudo isso, sublinhamos a qualidade e a relevância do livro de Carlos Altamirano.

Referências bibliográficas

- ALTAMIRANO, Carlos. *A invenção de nossa América: Obsessões, Narrativas e Debates sobre a Identidade da América Latina*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2023.
- TRESOLDI, Maria Caroline Marmerolli, & PANIZ, Flávia Xavier Merlotti (2017). Conversa com Carlos Altamirano: cenas da vida intelectual argentina. *Tempo Social*, 29(3), 333-348. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/131352> . Acesso em: 4 jun. 2024. Doi: <https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2017.131352>.

Recebida: 09/01/2024 – Aprovada: 29/05/2024

Editores Responsáveis

Miguel Palmeira e Stella Maris Scatena Franco